

BONDER, Nilton; SORJ, Bernardo. *Judaísmo para o século XXI*. O rabino e o sociólogo. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, 171p.

Meu encontro com esta obra foi desdobrado em dois momentos diferentes. O primeiro deles esteve marcado pela pesquisa que realizei para minha pesquisa em torno da exclusão de estrangeiros em Israel no pós-exílio¹. Entretanto, as questões apresentadas neste livro mostraram-se muito importantes para que a obra pudesse ser analisada somente sob esta ótica. Então prometi a mim mesma realizar, num segundo momento, uma leitura mais acurada, mais desprendida dos vínculos da minha pesquisa. Daí surgiu esta resenha.

Este é sem dúvida um livro muito interessante. A parceria, numa mesma obra, de dois autores judeus desta categoria, nos permite olhar o judaísmo sob dois diferentes ângulos: de dentro para fora e de fora para dentro. Mas acredito que esta não é a melhor definição para a experiência. Uma definição que, talvez, se aproxime mais da proposta do livro seja a de dizer que a obra nos permite olhar o judaísmo da religião para a sociedade e da sociedade para a religião. Perceber com clareza, e, de antemão, que o livro passeia nesta via de duas mãos facilita a tarefa do/a leitor/a.

É útil levar em conta que os capítulos não pretendiam ser um livro quando surgiram. São frutos de diálogos e artigos publicados em épocas diferentes e que foram posteriormente costurados nesta coletânea de reflexões sobre um judaísmo pós-moderno. Talvez, e por esta razão, num primeiro contato, a obra causa um alvoroço na cabeça do/a leitor/a. Aqueles/las que se apegam ao clássico esquema com “princípio-meio-fim” deverão ficar bastante decepcionados/as com este livro. É provável até que a obra lhes pareça pouco ordenada ou cansativa. Mas a clareza de propósito editorial é evidente, embora se trate de dois autores com perspectivas e experiências bastante diferentes sobre/no judaísmo.

Este é, a meu ver, o único aspecto negativo do livro. Bonder é um rabino, representa o pensamento religioso judaico. Sorj é sociólogo, representa o judaísmo secularizado. A distribuição dos capítulos intercalando os autores, embora atenda à intenção editorial, causa choque no leitor que, ao sair das reflexões rabínicas de Bonder, é pego de assalto com as ponderações mais secularizadas de Sorj. Sai de Sorj e encara novamente Bonder e isto acontece ao longo de todo o livro. Tive melhor proveito na segunda leitura da obra quando li englobadamente os capítulos do rabino e depois os capítulos do sociólogo. Assim ficou mais fácil de estabelecer um diálogo com os autores.

Percebe-se que a coletânea deseja ser um “lugar” de refúgio e reflexão para todos os judeus que se mostram preocupados com a sobrevivência de suas tradições e do próprio judaísmo como sistema de vida religioso e sociológico nestes tempos de

1. CRUZ, Lília Dias M.L. *‘Que nenhum estrangeiro [...] venha a dizer:[...] o Senhor me excluirá de seu povo’*. Um estudo histórico-teológico sobre a exclusão de estrangeiros e propostas de inclusão no Israel do pós-exílio. Rio de Janeiro. 2003, 245 p. [Dissertação – Mestrado em Teologia – Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Orientador: Prof. Dr. Haroldo Reimer.

globalização, nos quais as tradições se perdem num cenário característico: o da falta de raízes.

Os capítulos de Bonder trazem reflexões sobre a identidade do judeu e o desafio que é ser judeu em pleno século XXI. Questões como a tolerância quanto à diversidade do judaísmo, filhos de casamentos mistos, conversões, judaísmo-cristão, sionismo, observâncias e restrições são argumentadas com profundidade e objetividade. Bonder também toca em assuntos éticos atuais como a questão do Genoma e sua relação com a Bíblia e com a Cabala, tecnologia de informática entre outros. As considerações sobre descanso e alimentação merecem ser apreciadas por público mais amplo. São necessárias para a preservação da vida humana!

Embora a proposta da tolerância seja uma das tônicas da obra, Bonder se mostra bastante intolerante ao diferenciar os “judeus messiânicos” dos demais judeus. Explícitamente o rabino convoca: “É hora dos tolerantes serem profundamente coerentes com sua essência e exercerem sua intolerância” (p. 45). Bonder considera que a história destes grupos “desafina” o judaísmo, pois tentam parecer judeus quando de fato são cristãos. Bonder afirma que os demais movimentos compreendem diversidade dentro do judaísmo e com estes deve-se ser tolerante. Ele se refere aos judeus messiânicos como um grupo que “se assume como parte da fé judaica que reconhece Jesus enquanto Messias e pratica o judaísmo em sua forma cultural e tradicional [...] sua improbidade é querer passar-se como parte de um grupo minoritário como são os judeus, com um longo passado de submissão a catequeses e ao proselitismo violento, em um momento em que passa por profunda transformação de sua identidade” (p. 45).

O rabino identifica tais grupos como uma variante cristã em busca de suas origens. Reconheço que muitos destes grupos têm provocado uma mistura, nem sempre saudável, de tradições e que em muitas ocasiões acaba-se mutilando uma tradição tão antiga quanto a do judaísmo, mas isto me fez perguntar se ele desconhece que alguns destes grupos tiveram origem com judeus (de sangue, credo e circuncisão) que, ao se converterem ao cristianismo, passaram a ser segregados em seus círculos tradicionais. Sendo judeus e tendo suas tradições, também não se enquadravam nas igrejas cristãs. Posteriormente a eles se agregaram simpatizantes não judeus, mas o movimento não foi iniciado por simpatizantes. Tamanha intolerância do rabino me fez querer pesquisar mais a questão e fazer uma releitura dos movimentos de judeus-messiânicos.

Os artigos de Sorj, em grande parte adaptados como capítulos para este livro, trazem considerações sociológicas claras, relevantes e levantam questionamentos de importância capital para todos os interessados em questões políticas, religiosas, históricas e sociais de Israel. Sorj apresenta, em um de seus capítulos, a evolução de perfil do judaísmo desde os tempos bíblicos até os dias atuais. Com isto, ele propõe o aprendizado de um novo modelo de judaísmo a partir da realidade do judaísmo no Brasil. Isto é, um judaísmo, influenciado pela cultura local, menos fixado na memória da perseguição e da segregação do passado e mais voltado para uma convivência solidária com o restante da humanidade tendo os olhos projetados no futuro.

Aliás, como bons judeus, os autores não pretendem responder indagações, mas, quem sabe, levantar muitas outras. Ambos tratam com honestidade a crise de identidade que o judaísmo vem sofrendo nos últimos tempos, principalmente depois da criação do Estado de Israel. Na visão dos autores as soluções apontadas para esta crise têm suscitado um espírito xenófobo e exclusivista, cuja contraproposta oferecem nesta obra.

Igualmente importante são as ponderações de Sorj sobre a sociabilidade brasileira, principalmente por não serem restritas à sua relação com o judaísmo. Passando por Gilberto Freire e Roberto Da Matta, Sorj lança um enfoque diferente sobre esta questão, e que vale a pena ser conferido pelos pesquisadores da área.

Algumas citações que gostaria de destacar são:

“O intolerável é sempre uma medida muito interessante. Representa a transgressão de uma fronteira que na verdade só se define claramente ao ser cruzada. Infeliz do tolerante que não conhece a experiência de limites” (Bonder, p. 43);

“Shabat é uma necessidade do planeta [...]. Lazer não é feito de descanso, mas de ocupações para não nos ocuparmos [...]. Sonhamos com uma longevidade de 120 anos quando não sabemos o que fazer numa tarde de Domingo” (Bonder, p. 89 e 91);

“Não é difícil demonstrar que um povo pequeno só pode sobreviver ao longo do tempo caso consiga dissociar seu destino de um espaço físico único” (Sorj, p. 134);

“A crise do judaísmo é antes de tudo interna. As ideologias em torno das quais ele se construiu ruíram [...]. No centro dessa crise está a ausência de uma utopia solidária, coletiva, que repense o sentido da história, capaz de produzir uma versão renovada da mensagem profética” (Sorj, p. 137).

Esta obra nos faz refletir sobre a resistência em momentos de perda de identidade. O fio condutor é a sobrevivência das tradições num mundo globalizado, onde a perda da identidade cultural é uma das suas principais características, e o judaísmo, por este e por muitos outros motivos, não está fora do contexto. É um livro útil em muitos aspectos no que tange à temática da inclusão.

O que se verifica na atualidade é a antiga verdade de que os momentos de reafirmação de identidade, sejam eles de ordem cultural, religiosa ou geográfica, são, em geral, marcados por intolerância e exclusão.

A situação atual em Israel não é diferente da que aconteceu no pós-exílio quando os judeus deportados começaram a voltar para Judá, ocupada por uma mistura de gente, principalmente estrangeira. Como não faltou naquela época propostas de inclusão, é louvável a iniciativa dos autores de proporem, através desta obra, um modelo de judaísmo inclusivo, tolerante e de partilha para os dias de hoje.

De fato, alguns já têm entendido, na prática, o que é este exercício. Vários grupos pacifistas de israelenses e palestinos têm ousado desta forma lá no “front”, pagando,

muitas vezes, com a própria vida e recebendo como troco a recriminação dos radicais de ambos os lados. Este esforço prático num momento conturbado de negociação de fronteiras, ameaças militares e tratados de paz entre israelenses e palestinos, precisa ser encarado de forma diferente.

Nas palavras de Sorj, “um desafio central para a diáspora judaica é construir uma nova identidade que não esteja fundada na perseguição e na vitimação” (p. 135). Quem sabe um primeiro passo não seja o de se começar a valorizar, na memória nacional do povo judeu, os, já cognominados por um programa de TV, “militantes anônimos da paz”?

Lília Dias Marianno Lima da Cruz
Estrada Roberto Burle Marx, 9140, casa 12
Barra de Guaratiba
23020-240 Rio de Janeiro, RJ